

Apresentação

Milena da Silveira Pereira

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PEREIRA, MS. Apresentação. In: *A crítica que fez história: as associações literárias no Oitocentos* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2014, pp. 13-19. ISBN 978-85-68334-50-8. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APRESENTAÇÃO

“Cada um só pode pensar como se pensa em seu tempo.” (Michel Foucault)

Em 1827, o influente político e jornalista Evaristo Ferreira da Veiga (p.2), na apresentação de seu jornal *Aurora Fluminense*, manifestava que somente pelo “amor da ordem” e pelo “culto” da Constituição é que a “Mocidade Brasileira” conseguiria “dar ao nosso governo uma existência durável, aos nossos contemporâneos um exemplo de caráter, que para o futuro nos assegurar[ia] um lugar distinto entre as Nações civilizadas do antigo e do novo continente”. Décadas mais tarde, em 1854, aquele que ficou conhecido como o “pai da historiografia brasileira”, Francisco Adolfo de Varnhagen (p.11), afirmava que, ao projetar a árdua e longa empreitada de coligir documentos e escrever a *História geral do Brasil*, estava “desejoso de prestar este serviço ao país em que nasce[u]”, ou seja, estava ávido por dar a conhecer aos brasileiros a sua história, estabelecendo “patrioticamente os fatos mais importantes”. Em 1868, o respeitado político e professor de História e Geografia Candido Mendes de Almeida (p.8), ao publicar o seu pioneiro *Atlas do Império do Brasil*, dedicado ao que define como “eminente cultor das letras”, o imperador D. Pedro II, declarava que o fim desse ambicioso trabalho era

“instruir cidadãos que no futuro possam colocar os destinos da nossa nacionalidade em firme, eminente e glorioso pedestal”. E, anos depois, em 1888, na sua *História da literatura brasileira*, o historiador da literatura e polemista Sílvio Romero (1980, p.55), já nas primeiras páginas, apontava que o objetivo dessa obra era “encontrar as leis que presidiram e continuam a determinar a formação do gênio, do espírito e do caráter do povo brasileiro”.

Separadas entre si por algumas décadas, essas frases guardam, a despeito das diferenças de gênero e da sutileza dos propósitos, uma ligação significativa quando pensadas à luz da questão da nacionalidade brasileira. Tema caro ao século XIX, sobretudo depois de o Brasil independente, a política, a história, a geografia e a literatura, todos eles, apesar do seu estágio formativo, buscaram forjar uma nacionalidade brasileira, produzindo cada um documentos privilegiados para o estudo da produção cultural do Oitocentos brasileiro. Tais discursos, como têm mostrado vários historiadores, defenderam a necessidade de dotar o Brasil de uma identidade, uma língua, uma história, um povo, enfim, inventar uma cultura nacional. Além dessas formas de expressão, uma outra, cujo papel nem sempre é reconhecido como decisivo, a crítica literária, também fez parte desse repertório e pode ser tomada como uma das linguagens possíveis para examinarmos como uma cultura letrada se constituiu e que formas não letradas encontrou para se expandir. É justamente o papel desempenhado pelo discurso crítico na construção da cultura escrita do Oitocentos brasileiro que será explorado nas páginas que se seguem, ou melhor, partindo do pressuposto de que a literatura no século XIX foi a principal forma de expressão, de conhecimento e de reconhecimento do Brasil enquanto tal, a indagação que norteia este estudo se refere ao lugar que ocupou, nessa sociedade, a incipiente crítica literária, a qual visava a essa expressão máxima da inteligência, a literatura, com a finalidade de impulsioná-la e também redefini-la. Em outras palavras, um dos questionamentos fulcrais lançados aqui diz respeito ao desempenho da crítica no impulso e no direcionamento da principal forma de expressão do Brasil oitocentista.

Parte nada negligenciável de tal discurso crítico, de acordo com o que será apresentado ao longo do estudo, foi publicada nas páginas dos periódicos das sociedades literárias surgidas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Daí nosso *corpus* documental ser constituído em grande parte pelas circulares de associações, sobretudo pelos impressos produzidos por agremiações de viés literário do século XIX, fundadas em São Paulo, onde surgiu um movimento peculiar desse tipo de sociabilização dos letrados, e na capital do país, principal centro cultural do Brasil. Daí, inclusive, a preocupação inicial deste trabalho em explorar um certo gosto por associar-se dos letrados oitocentistas, mapeando agremiações de naturezas diversas e centrando-se nas associações literárias, com a finalidade de fornecer ao leitor uma visão, tão detalhada quanto possível, desse movimento associativo do Brasil naquele século, bem como com o objetivo de destacar a importância dessas agremiações como veículos de reunião da intelectualidade, de organização dos letrados e de promoção da incipiente cultura nacional desse tempo. Não é nosso propósito, contudo, abranger a totalidade das associações literárias surgidas em São Paulo e no Rio de Janeiro, mas sim mostrar quais modelos de associação foram fundados no país; uma tentativa de amostragem em busca de um possível padrão de criação, organização e produção entre esses grêmios, como também do papel dessas agremiações no processo de formação da cultura nacional.

Examinadas essas condições e circunstâncias que concorreram para o despertar do gosto por reunir-se entre a intelectualidade brasileira, são lançados em cena os dispositivos de desenvolvimento e preservação do tal espírito de associação presentes nas páginas dos periódicos das associações literárias. Entre os dispositivos, ou práticas discursivas,¹ que sustentaram e impulsionaram as agremiações, o principal destaque será conferido à imprensa. Dedicamos um capítulo específico para a produção das agremiações literárias,

1 Sobre dispositivo, é importante destacar que cada um dos discursos que “se vê implicado nos gestos, nas instituições, nos poderes, nos costumes e até mesmo nos edifícios que o põem em funcionamento [forma] o que Foucault chama de dispositivo” (Veyne, 2011, p.20).

buscando mensurar a importância que teve a imprensa periódica no século XIX, que se anuncia como um palco privilegiado das discussões sobre o Brasil e a sociedade brasileira. A proposta, nessa parte, é dimensionar particularmente o peso da imprensa como instrumento de manutenção da prática de associar-se dos letrados daquele tempo, bem como avaliar em que medida serviu para legitimar a existência das agremiações e para dar a conhecer os escritos dos letrados gregários, em suma, em que medida serviu para levar tal produção para além do restrito meio em que foi gerada. No encalço desses dispositivos, a fim de dar a conhecer ao leitor esses impressos, por vezes esquecidos na história, mostrou-se indispensável indagar: “Como eram essas revistas?”, “Quem escrevia?” e “Quais eram os seus formatos e conteúdos?”.

Na abordagem desses dispositivos, uma preocupação fundamental vem à tona nesta altura do trabalho, a saber, que formas de apropriação do conhecimento foram partilhadas por esses letrados gregários? Sem negligenciar o papel das singularidades em qualquer época, o problema que se nos mostrou mais frutífero para entender o jogo encenado no século XIX diz respeito às formas convencionais que os letrados encontraram para exprimir-se. O que está de alguma forma pressuposto na interrogação é a ideia de que um conjunto de valores partilhados teve um peso decisivo – maior até do que a de qualquer “chefe” da cultura escrita – num momento em que se tentava criar um vínculo entre formação de um país e espírito coletivo. Conhecer e associar-se, como veremos, foi a forma que nossos letrados parecem ter encontrado para autoafirmar-se e para abrir as portas para um devir literário e histórico que deveria configurar-se sob parâmetros diferentes daqueles que até então tinham caracterizado a vida cultural no gigante dos trópicos.

Em estudo anterior (Pereira, 2008), a questão das formas de apropriação do conhecimento no Oitocentos brasileiro, ainda que de forma embrionária e não articulada nos termos em que aqui se apresenta, já se anunciava como decisiva. Desde os primeiros estudos sobre a concepção de história de Sílvio Romero, tem-se nos colocado o problema das bases em que se fundaram os discursos dos

letrados daquela época, problema explorado a partir dos debates de Sílvio Romero e dos homens de seu tempo, especificamente a partir da forma que se mostrou a mais profícua para a produção do debate intelectual sobre a sociedade brasileira e sobre a construção da história da nação: a polêmica – meio de interação, apresentação e autoafirmação desses homens no palco das letras. No estudo que ora apresentamos, o objeto central de análise se deslocou das consideradas polêmicas literárias travadas a partir do terceiro quartel do século XIX para o papel sociocultural do comentário literário que se firmou ao longo desse século, buscando mapear as lições e advertências que propuseram para o escritor brasileiro e notar que peso estas tiveram na definição das práticas sociais compartilhadas por esses letrados, numa sociedade que estava buscando se afirmar e atestar sua singularidade.

Além de investigar o gosto dos letrados por associar-se, descrever as formas de organização das agremiações e ressaltar o papel capital da produção das associações literárias para o nascente discurso crítico literário, o capítulo central deste trabalho desenvolve-se em torno da contribuição da crítica literária para o delineamento da cultura escrita oitocentista brasileira. Uma das principais funções da crítica para os homens daquele tempo, ou talvez a principal, como será explicitado neste estudo, era estabelecer um discurso de esclarecimento e divulgação, empenhado em definir os parâmetros e os caminhos para a igualmente incipiente produção literária, que deveria constituir-se e expressar-se sob princípios próprios. Algumas questões-guias foram, pois, suscitadas para levar a cabo a tese: se os críticos literários procuraram disseminar lições e prescrições, senão apenas sugestões, aos jovens ou pretendentes a escritores, quais foram as diretrizes que estabeleceram para definir um escritor nacional? Como esse discurso projetou o literato e redefiniu o que já existia? Que perfil os críticos propuseram para a produção literária?

Além disso, partindo da proposição, própria do tempo em questão, de que a crítica se confundia com a história literária e esta com a história do Brasil, outras questões emergem: o discurso crítico teve algum papel na tradução dos anseios e dos projetos da sociedade

brasileira? Ou melhor, podemos afirmar que esse discurso metaliterário esteve envolvido na criação dos contornos do literato que viria a se distinguir como brasileiro?

Antes, porém, de respondermos a esse conjunto de questões e inquietações, é importante mencionar algumas opções de abordagem e de escrita. Primeiramente, a forma de tratamento das fontes merece alguns esclarecimentos. No texto, como o leitor notará, avultam citações de documentos de época – umas, por certo, longas, outras nem tanto –, em comparação com o número de citações da historiografia, menos citadas diretamente e sobretudo referenciadas em nota de rodapé. Isso não significa, porém, que a historiografia e os estudos críticos sobre as associações e a crítica literária cumpriram papel menos decisivo nessa empreitada, os trabalhos posteriores ajudaram, e muito, a formular nossos questionamentos, definir nosso percurso e encaminhar nossas conclusões. Essa opção de abordagem justifica-se na medida em que nossas preocupações se encaminharam no sentido de entender como o discurso crítico presente nas publicações das associações literárias ajudou a moldar, de forma idealizada ou não, o escritor brasileiro, ao mesmo tempo que pretendeu dar os contornos e criar um projeto de Brasil. Assim, pelo tipo de questionamento aqui lançado, foi fundamental recorrer aos testemunhos diretos que esses homens nos transmitiram para efetivar este trabalho.

Retomando, por fim, a epígrafe desta introdução sobre a ideia de que “Cada um só pode pensar como se pensa em seu tempo”, vale esclarecer que ela não deve ser confundida com uma reprodução ingênua ou transparente dos documentos daquela época, em busca da imparcialidade e da totalidade da visão do século XIX. Muito pelo contrário, a proposta aqui é realizar um entrelaçamento de documentos, um diálogo de textos da época, a partir de nossas preocupações presentes. Em suma, esquadrihar como determinados grupos humanos construíram sua realidade e como definiram socialmente os parâmetros do que era verdadeiro ou não dizer sobre ela.

Outra preocupação que tivemos, apesar de trabalharmos com um *corpus* documental literário, foi de evitar tomar os estilos de época

como condutores da análise das fontes literárias, pois, além de serem formulações posteriores ao tempo estudado e estarem mais voltados para as problemáticas estéticas, nosso propósito, tendo em vista as observações sobre a forma de tratamento da documentação, não é enquadrar o discurso crítico numa concepção aprioristicamente estabelecida. Finalmente, um esclarecimento de ordem técnica merece ser lançado: optamos por modernizar o nome de todas as agremiações e a linguagem das citações, a fim de tornar a leitura mais suave e fluida, no entanto, tivemos sempre a preocupação de preservar as peculiaridades desses escritos.

Apresentados tais caminhos e opções, partamos, então, para a tentativa de apreender em que medida a nascente crítica literária, ainda que aprendiz, foi conduzida por princípios regulares ou por uma certa unidade, ou seja, até que ponto foi conduzida pela busca de definir, forjar e até mesmo inventar, em associação, uma cultura escrita e uma nacionalidade brasileiras.